

## A arte de contar histórias sobre vida e morte na mediação com pessoas idosas

*The art of storytelling about life and death in mediation with elderly people*

*El arte de contar historias sobre la vida y la muerte en la mediación con personas mayores*

Pedro Lucas Oliveira da Silva<sup>1</sup>

 [0009-0009-8366-7540](#)

Denise Stefanoni Combinato<sup>2</sup>

 [0000-0002-5919-0289](#)

**Resumo:** Sendo a morte um tema tabu nas sociedades ocidentais, foi realizada uma pesquisa com grupos focais, fundamentada na Psicologia histórico-cultural, com objetivo de compreender o papel da contação de histórias sobre vida e morte na mediação com pessoas idosas. Como resultado, tem-se que a contação da história literária *O Pato, a Morte e a Tulipa* (Erlbruch, 2009) ampliou os sentidos sobre os temas, incluindo a perspectiva de morte em vida.

**Palavras-chave:** Pessoa idosa. Vida. Morte. Arte. Narrativa.

**Abstract:** Being the death a taboo subject in the western society, a research was conducted with a focus group, based in the historical-cultural Psychology, aiming at understanding the role of storytelling about life and death in mediation with elderly people. Results showed that the storytelling of *Duck, Death and the Tulip* (Erlbruch, 2009) expanded the meaning of death, including the perspective of death in life.

**Keywords:** Elderly people. Life. Death. Art. Narrative.

**Resumen:** Dado que la muerte es un tema tabú en la sociedad occidental, se realizó un estudio de grupo focal, basado en la Psicología Histórico-Cultural, con el objetivo de comprender el papel de las narrativas sobre la vida y la muerte en la mediación con personas mayores. Los resultados mostraron que la narrativa *El pato, la muerte y el tulipán* (Erlbruch, 2009) amplió el significado de la muerte, incluyendo la perspectiva de la muerte en vida.

**Palabras-clave:** Personas mayores. Vida. Muerte. Arte. Narrativa.

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Gestor de Relacionamentos da Organização da Sociedade Civil ABC do Glória. *Lattes*: [8392432438270450](#) - *E-mail*: [psi.pedrolucasilva@gmail.com](mailto:psi.pedrolucasilva@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Botucatu. Professora do Magistério Superior no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. *Lattes*: [2927386243095297](#) - *E-mail*: [denisecombinato@hotmail.com](mailto:denisecombinato@hotmail.com).

## Introdução

O número de pessoas idosas cresce continuamente. Segundo o censo de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), as pessoas com 60 anos ou mais somam 15,6% da população do país, sendo um aumento de 56% em relação a 2010. Por conta disso, é de suma importância se atentar para o processo de envelhecimento. Outrossim, pensar no envelhecimento implica considerar toda uma história de vida e entender que cada ser humano é, parafraseando Eliane Brum (2006), uma grande odisseia, um padrão que não se repete no Universo.

Nesta perspectiva, o envelhecimento não é um processo idêntico para todos, pois depende do acesso que o indivíduo teve durante toda sua vida às políticas públicas de educação, saúde, lazer, trabalho, dentre muitas outras. Assim, a garantia de um envelhecimento saudável depende dos aspectos determinantes e condicionantes da saúde para todos, ao longo da vida - em especial, para os mais pobres, como acesso à alimentação, à moradia, ao saneamento básico, ao meio ambiente, ao trabalho, à renda, à educação, à atividade física, ao transporte, ao lazer (Brasil, 1990).

É imprescindível entender que a pessoa idosa tem muito a nos ensinar e que sua história deve ser valorizada, reconhecida e respeitada pelas diferentes gerações, a fim de preservar a autoestima do sujeito e a memória social. Para Bosi (1994), a memória dos mais velhos pode revelar a riqueza e a diversidade de um mundo social desconhecido, inclusive para aqueles que não vivenciaram experiências passadas. Ao compreender e se apropriar dessas memórias, o presente se torna mais humanizado.

Segundo Rabelo (2016), as pessoas idosas procuram sentir-se mais próximas de seus familiares, em especial, de seus filhos e netos. Para isso, eles procuram atividades que afirmam sua autoestima, sua competência e a sua existência para os outros a sua volta. Assim, conversar sobre vida e morte com seus familiares pode ser uma forma de significar experiências dessa história de vida, permitindo reviver memórias (Whitaker, 2010), ter acesso a uma discussão indispensável e ressignificar as mudanças físicas e a ideia de que estão esperando pela morte (Reis & Facci, 2015). Tais experiências tornam-se possíveis quando a pessoa idosa é valorizada como guardiã de um tesouro de toda uma vida e reconhecida por sua rede de apoio por meio de ouvidos atentos, como afirma Bosi (1994, p. 82): “[...] sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância”.

A autonomia e a independência são fatores cruciais na velhice, portanto, deixar que a pessoa idosa realize atividades prazerosas e dialogue sobre temas de seu interesse são maneiras de deixá-la

ativa e saudável. Fora isso, resgatar sua história de vida é um fator fundamental para que o sujeito entenda como ele chegou a ser quem é, o que ele pode fazer dali em diante para o desenvolvimento de suas potencialidades e realização de seus sonhos. Uma das formas de alcançar essas características tem em vista o processo de educação sobre o morrer (Kovács, 2008), sobre as perdas que acontecem com o envelhecimento e sobre os ganhos, que também acontecem, e são fundamentais na reflexão para uma vida digna e de qualidade.

Todavia, conversar sobre o processo de morrer não é fácil. Há alguns motivos para a morte ser considerada um tema tabu no ocidente (Silva *et al.*, 2018). O primeiro deles diz respeito a sociedade capitalista pautada na produtividade acima de tudo, deixando pouco espaço para diálogos sobre temas existenciais, como a morte. Em *Tabu da Morte*, Rodrigues (2006, p. 247) discute que a morte é incompatível com valores presentes no modo de produção capitalista como o progresso, a exploração, a competição, a acumulação de bens; por isso é necessário “divinizar a vida” e banir a morte.

Por conta disso, o processo de morrer é pouco discutido no ambiente escolar, na sociedade, nos hospitais, nas instituições religiosas e em tantos outros espaços públicos e privados. Segundo Arantes (2019), na maioria dos hospitais, o sentimento advindo da morte é de frustração, de incapacidade e fracasso por parte da equipe médica, mesmo que não pudesse ser feito mais nada para salvar aquela vida. Além disso, embora seja difícil admitir que crianças e jovens morrem em decorrência de causas naturais e, o que é pior, de violência, isso acontece em nossa sociedade (Marques, 2013).

As instituições de ensino são espaços privilegiados de transmissão do legado humano, uma vez que, por meio delas, os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade são transmitidos às novas gerações, compondo um ciclo de humanização dos sujeitos. Por essa razão, os ataques direcionados às escolas provocam impactos profundos na sociedade, justamente por representarem aquilo que a escola se propõe a combater: a barbárie (Machado & Fonseca, 2023).

Mesmo diante dessa violência gerada por uma sociedade estruturada em práticas violentas, a morte passa a ser concebida como algo distante da realidade cotidiana. Assim, os sujeitos tendem a ignorá-la ou silenciá-la, uma vez que ela suscita inquietações, dúvidas e um sentimento de impotência. Conforme destaca Kovács (2012b), embora a morte esteja presente no contexto escolar, seja porque a morte existe na vida e atinge os estudantes, seja porque mortes acontecem nas instituições de ensino, as pesquisas indicam uma dificuldade da comunidade escolar em lidar com o

tema. Tais fatores contribuem para a manutenção do tabu em torno da temática e a morte segue sendo representada como um evento solitário, de muito sofrimento e medo.

Essa perspectiva de morte solitária influencia as pessoas idosas a não dialogarem sobre a morte com familiares e amigos próximos, pois acreditam que é um tema meramente individual, que incomoda os ouvintes e pode trazer constrangimento para quem fala a respeito (Bulsing & Jung, 2016). Assim, as pessoas idosas, que já não possuem tantas relações pessoais quanto antes, se sentem ainda mais solitárias e fechadas para discutirem sobre o processo de morrer (Silva *Et al.*, 2018), impedindo reflexões sobre a morte e, consequentemente, possibilidades de dar um novo sentido para a vida.

Dessa forma, é essencial que crianças, adolescentes, adultos e, principalmente, pessoas idosas tenham oportunidades de conversar sobre o processo de morrer, permitindo que reflitam sobre os sentidos de uma história de vida única, repleta de vivências (Kovács, 2008). Ademais, a importância do diálogo se acentua com o aumento da expectativa de vida no país e, especialmente, por conta de todo o sofrimento gerado pelos mais de três anos de pandemia de COVID-19 (Fhon *Et al.*, 2021).

Entretanto, conversar sobre a morte não é sinônimo de não se afetar pela morte, ou seja, poderão acontecer momentos de tristeza e saudade de uma pessoa que faleceu, sentimentos comuns durante o processo de luto saudável (Bulsing & Jung, 2016). Nesta perspectiva, se torna ainda mais relevante diálogos prévios sobre a representação da morte, para que os sujeitos estejam mais preparados para essa experiência carregada de inúmeros afetos.

Entende-se, portanto, que conversar sobre a morte é um fator fundamental para dialogar sobre as possibilidades de uma vida. Todavia, como iniciar essas discussões, tendo em vista que o medo de morrer é um sentimento construído socialmente durante o desenvolvimento do sujeito? (Kovács, 2008). Uma das possibilidades para este diálogo é através da arte.

A arte pode auxiliar na mediação do diálogo e da tomada de consciência sobre a morte e as perdas. É através dessa mediação que o sujeito poderá (re)criar o seu sentido de morte. Assim, a arte não é uma mera reproduutora de um conhecimento real, de vivências próprias de outras pessoas (Rodrigues *Et al.*, 2020), mas, uma forma de facilitar que a imaginação do sujeito ganhe corpo e se torne real.

De acordo com Junqueira *Et al.* (2021, p. 51), pessoas enlutadas podem sentir dificuldade em nomear ou explicar o que sentem, buscando metáforas para dar “forma e sentido à dor”. Assim,

a recepção e a expressão artística podem ser aliadas no processo de elaboração psíquica diante da morte e do luto.

Há diversas possibilidades artísticas que podem estabelecer uma ponte com a educação para a morte, como filmes, curtas-metragens, literatura, tirinhas, músicas, dentre outros (Kovács, 2012a). Tais expressões artísticas acessam o mundo real de outra forma, possibilitando que afetos surjam durante o processo de criatividade e imaginação, a fim de atribuir sentidos para as vivências. É importante ressaltar que a arte não pretende esclarecer a morte ou qualquer outra temática, pois ela visa o estranhamento, o incômodo com o incomprensível, para que se possa perceber e elaborar temas como a morte, através da imaginação e dos sentimentos suscitados durante o contato (Rodrigues *Et al.*, 2020).

No geral, em um mundo que preconiza o lucro e a rapidez das ações humanas, não há valor nem tempo para a arte. No entanto, ela proporciona que novos elementos surjam para que os sujeitos consigam refundar a sua história, enfrentar suas perdas, enfim, lidar com a vida. Para isso, é necessário que a arte e, mais especificamente, a literatura desempenhe sua função humanizadora, de acrescentar possibilidades de transformação na vida de cada sujeito (Marques, 2013). A literatura pode enriquecer a percepção, a imaginação e a visão de mundo das pessoas. Para que cumpra seu papel humanizador, é essencial torná-la acessível a todos (Candido, 1988, p. 172), reconhecendo que "o indispensável para nós é também indispensável para o próximo".

A contação de histórias é uma das possibilidades de expressão dessa literatura enquanto transformação. Contar histórias está presente desde os primórdios da humanidade, sendo uma forma privilegiada de uso da linguagem para compartilhar o conhecimento e perpetuar experiências passadas. Munduruku (2015, p. 213) afirma que "sempre se sentiu dentro de uma história contada por muitas vozes" e assim é com todos os sujeitos, frutos de uma história contada por tantas outras pessoas, desde antes do nascimento.

Segundo o mesmo autor, o contador de histórias é "alguém que acredita no que está contando" (Munduruku, 2015, p. 222), ou seja, vive intensamente a narrativa na sua fala, proporcionando algum tipo de transformação para o ouvinte, a partir da ampliação de significados e sentidos provocados pelos elementos e metáforas presentes na narrativa.

Em revisão de literatura sobre a produção acadêmica dos temas trabalhados nesta pesquisa, identificou-se a descrição sobre a percepção de pessoas idosas sobre a morte (Bulsing & Jung, 2016; Pichler *Et al.*, 2021; Silva *Et al.*, 2018). Além disso, há artigos que discorrem sobre a

importância da contação de histórias para o resgate de memória da pessoa idosa (Silva & Freitas, 2018); para romper com a cultura do silêncio imposta aos mais velhos por uma sociedade que opõe aqueles que não geram lucro (Leite & Real, 2015); e para uma educação em saúde para o envelhecimento ativo (Costa *et al.*, 2016). Entretanto, não foram encontrados artigos, na língua portuguesa, a respeito da influência da contação de histórias no diálogo sobre morte com pessoas idosas. Por conta disso, se faz necessário pesquisas para entender como a arte, especialmente a contação de histórias, atua no desenvolvimento de diálogos sobre a vida e sobre a morte com esse público.

O objetivo desta pesquisa foi compreender o papel da contação de histórias sobre vida e morte na mediação com pessoas idosas, a fim de proporcionar reflexões sobre significados e sentidos da morte e sobre as possibilidades da vida.

## Metodologia

O presente estudo é descritivo de abordagem qualitativa e contou com a presença de cinco participantes, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 60 anos<sup>3</sup>. Foram convidados, através de um grupo do *WhatsApp*, sujeitos que atenderam a esta idade e aos seguintes critérios: ter uma acuidade auditiva satisfatória, apresentar uma linguagem oral compreensível e uma capacidade cognitiva preservada, além de demonstrar interesse em participar dos grupos focais. Os encontros aconteceram em uma sala de aula de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do interior de Minas Gerais.

Após a seleção e o esclarecimento a respeito da finalidade da pesquisa, os participantes assinaram, na concordância, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as normas vigentes no Brasil sobre pesquisa com seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012; 2016).

Destaca-se que a identidade dos participantes foi preservada e os nomes fictícios utilizados foram escolhidos por eles, através de uma dinâmica de apresentação. Além disso, o contrato realizado com o grupo, no início dos dois encontros, reforçou que os participantes respeitassem o sigilo das histórias pessoais trazidas durante os encontros.

<sup>3</sup> Segundo a Lei Nº 14.423, que dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa, pessoas com idade igual ou superior a 60 anos são consideradas idosas e têm seus direitos regulados e assegurados pelo Estatuto (Brasil, 2022). Sendo assim, foi utilizada essa marca como critério de inclusão na pesquisa.

A coleta de dados aconteceu através de grupos focais com todos os participantes da pesquisa. Essa forma de coleta consiste na obtenção de dados a partir de reuniões em grupos com sujeitos que atendam ao objetivo da pesquisa, sendo uma forma de responder demandas focadas na perspectiva cultural (Iervolino & Pelicioni, 2001), na construção de sentidos coletivos em determinado contexto. O uso de grupo focal se justificou pelo fator integrador proporcionado por essa técnica. Assim, para que a pesquisa conseguisse atuar enquanto promoção de saúde para seus participantes, foi necessário entender os sentidos e significados que os sujeitos atribuem à vida e à morte, além da importância atribuída à temática.

Foram realizados dois encontros, com duração de, aproximadamente, uma hora e meia cada. Inicialmente, em ambos os encontros, os pesquisadores fizeram o contrato com o grupo, a fim de proporcionar o andamento do diálogo entre os participantes, sem que eles chegassem em um consenso sobre vida e morte, respeitando as diferentes experiências dos participantes e mantendo o sigilo das histórias pessoais compartilhadas. No primeiro encontro, a discussão iniciou após a seguinte pergunta disparadora: “o que o/a senhor/a entende por morte?” Após o questionamento, o grupo desenvolveu reflexões, apresentou os significados e sentidos sobre morte e vida. No segundo encontro, um dos pesquisadores realizou uma contação de história literária que serviu como norteadora da discussão do encontro, a partir da pergunta: “a partir dessa contação de história, o que o/a senhor/a pensa e/ou sente a respeito da morte?”. O objetivo dessa diferenciação, no início dos dois encontros, visou comparar e verificar o impacto da contação de história sobre vida e morte na mediação com as pessoas idosas. Ao final de cada encontro, realizou-se um momento de síntese do processo de mediação, no qual cada participante foi convidado a escrever e/ou desenhar sua própria síntese dos afetos e sentidos despertados durante a atividade.

A obra literária escolhida para a contação foi *O Pato, a Morte e a Tulipa*, escrita por Wolf Erlbruch e publicada no Brasil no ano de 2009. Nesta história, o Pato, em determinado momento da sua vida, percebe que estava sendo seguido pela Morte - não uma morte qualquer, uma Morte que se apresenta de pantufa, casaco xadrez e com uma tulipa. Apesar do susto inicial, a Morte conta ao Pato que sempre esteve presente, desde o dia em que ele nasceu, pronta para realizar seu trabalho quando a vida lhe desse um ponto final. Mesmo assustado com esse primeiro encontro, o Pato convida a Morte para ir à lagoa, local onde passam um primeiro momento juntos. Após esse encontro inicial, o Pato e a Morte criam um grande vínculo, conversam sobre os destinos após a morte e sobre o que fica quando ela chega. A relação entre os dois continua por semanas, até que

um dia o Pato morre e a Morte o carrega até a lagoa, esperando até que ele, junto com a tulipa, desapareça de sua vista. A escolha desta obra justifica-se por seu olhar sensível sobre a morte, compreendida em sua intrínseca relação com a vida, representada na figura do Pato. Para além disso, a narrativa constrói um vínculo simbólico entre o Pato e a Morte, recorrendo a elementos do senso comum que permitem ao leitor ou ouvinte refletir criticamente sobre possíveis certezas a respeito da vida e da finitude, o que difere a escolha desta obra em detrimento de histórias com temáticas similares. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que falar sobre a morte é, inevitavelmente, falar também sobre a vida (Arantes, 2019).

Para a análise dos dados, foi utilizada a análise denominada de núcleos de significação, uma proposta de análise do discurso, fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, que busca apreender as significações produzidas pelos sujeitos (Aguiar *Et al.*, 2021). Esta análise, em grupos, favorece a articulação dessas significações de cada sujeito, permitindo que o processo histórico de constituição da temática no grupo seja apreendido através de possíveis contradições e possibilidades de superação desse movimento histórico (Aguiar & Ozella, 2013). Essa análise pretende ir além dos conteúdos manifestos nas falas dos participantes, avançando para além da superficialidade dos diálogos (Minayo *Et al.*, 2002) e caminhando para explicações que levem em conta o processo histórico de constituição da temática abordada, aspecto fundante da abordagem utilizada. Vale ressaltar que tanto o fenômeno aqui estudado quanto qualquer outro não podem ser descolados das relações sociais e históricas que os constituem na sociedade (Vuigotskij, 1987<sup>4</sup>).

Ademais, destacam-se os passos que foram seguidos na análise de núcleos de significação, de acordo com Aguiar & Ozella (2013). Após transcrição dos dois grupos focais realizados com as pessoas idosas, foram feitas leituras flutuantes no material colhido, com a finalidade de organizar os discursos dos participantes, buscando palavras que, no contexto abordado, ganhassem significados relevantes para o objetivo da pesquisa. Assim, nesse primeiro momento foi utilizada a aparência do discurso para buscar significações do tema de pesquisa. Todavia, durante o processo de análise e interpretação, buscou-se entender aquilo que não foi dito, mas que está presente nos sentidos apresentados em cada discurso. Segundo Vuigotskij (1987), um fenômeno é explicado com base em sua origem, dessa forma, é necessário, a partir das manifestações e aparências do discurso, revelar a sua essência através da análise do material colhido, entendendo sua íntima relação com o processo histórico de sua transformação.

<sup>4</sup> Será utilizada a grafia Vigotski quando esse autor for citado sem referência a uma obra específica; quando estiver vinculado a uma obra, será mantida a grafia conforme a publicação/edição (Vuigotskij, por exemplo).

Para chegar nesse ponto, durante as várias leituras do material transscrito foram selecionados conteúdos com significações, ou seja, pequenos trechos do discurso dos participantes que compõem algum significado buscado para a compreensão do objetivo desta pesquisa. Tais conteúdos são chamados de pré-indicadores, estão amplamente presentes nas falas dos participantes (Aguiar & Ozella, 2013). Os pré-indicadores foram articulados formando os indicadores. Essa junção ocorreu através da similaridade, da complementaridade ou da contraposição de significações dadas à temática abordada (Aguiar *Et al.*, 2021). Em seguida, partiu-se para a construção dos núcleos de significação, que expressam os pontos centrais e fundamentais das significações constitutivas do grupo e dos sujeitos. Nessa fase de análise, os indicadores foram organizados também a partir de suas semelhanças, complementaridade e/ou contradições, sendo esse último critério de articulação fundamental para fugir das aparências e compor unidades de contrários, ou seja, forças opostas que se negam, mas, também, se constituem mutuamente (Aguiar *Et al.*, 2021; Vuigotskij, 1987).

Concluída essa etapa, foi realizada a análise final de todo esse material organizado através da articulação dos conteúdos dentro de cada núcleo, a fim de proporcionar uma coesão dos núcleos de significação no seu movimento histórico e social, afastando de explicações reducionistas e naturalizantes.

Ademais, cabe ressaltar que, diferente de um processo de análise de apenas um sujeito, esta pesquisa se propôs a analisar um grupo de sujeitos, cada qual com seu contexto social e histórico, que apesar de suas semelhanças, possui suas singularidades. Com isso, foi realizado todo o procedimento detalhado anteriormente para cada um dos participantes da pesquisa, sendo os indicadores criados para cada um deles agrupados, formando os núcleos de significação (Aguiar, *Et al.*, 2021).

Finalmente, após a conclusão da análise, fez-se um convite ao grupo para um novo encontro de devolutiva, somando na construção de resultados a visão dos próprios participantes da pesquisa.

## Resultados e discussão

Os nomes dos participantes da pesquisa, escolhidos por cada um em dinâmica de apresentação, são: Aprendiz, Cautelosa, Clara, Iluminada e Kolha, sendo Clara e Kolha casados. Todos os participantes estavam vinculados a um projeto de extensão vinculado a IES que realiza rodas de conversa sobre o envelhecimento, portanto, já se conheciam e já conheciam um dos pesquisadores dessa pesquisa, que coordenou esse projeto durante um ano. Além disso, os

participantes da pesquisa possuem uma boa condição socioeconômica, participam de outros ambientes de cultura, lazer e educação e possuem uma rede de apoio significativa.

A análise dos dados se deu por meio dos núcleos de significação, seguindo os passos propostos por Aguiar e Ozella (2013), conforme descrito no método.

Feita a análise inicial, chegou-se a seis núcleos de significação, dos quais três foram escolhidos para discussão neste trabalho, em função do objetivo da pesquisa. São eles: 1) “Será que eu sou a Morte ou o Pato?”: a relação entre vida e morte; 2) “Isso não é vida. Tá pior que o Pato em cima da árvore olhando o lago”: as mortes do cotidiano; e 3) “O Pato sentiu um calafrio”: seria a morte algo natural?

O primeiro núcleo discute a indissociabilidade entre vida e morte, apresentando essa última como caminho possível para pensar nas possibilidades da vida, de uma vida que vale a pena viver, além de retratar a morte enquanto algo também tranquilo e belo a partir da contação de história. O segundo núcleo aborda as mortes em vida de pessoas desconhecidas e em situação de vulnerabilidade social, ampliando os sentidos e significados atribuídos a temática. Por fim, o terceiro núcleo discute a respeito da morte enquanto consequência da vida, sua relação com o ciclo de vida e com os sentidos subjetivos adquiridos. É discorrido, também nesse núcleo, sobre como a contação de história atua na mediação sobre a morte.

#### *“Será que eu sou a Morte ou o Pato?”: a relação entre vida e morte<sup>5</sup>*

– Você veio me buscar agora?  
– Estou por perto desde que você nasceu, por via das dúvidas  
– Por via das dúvidas? - perguntou o pato.  
É, caso te aconteça alguma coisa, uma gripe forte, um acidente, nunca se sabe.  
*O Pato, a Morte e a Tulipa*  
(Erlbruch, 2009, p. 4-6).

A pergunta que dá título a esse núcleo foi realizada por Cautelosa durante o segundo encontro, ao retomar os sentimentos despertados durante a contação de história. No livro ilustrado *O Pato, a Morte e a Tulipa*, o Pato desenvolve uma relação muito próxima com a Morte, em que ambos estão coreografando passos de uma dança que não podem ser feitos separadamente, demonstrando a indissociação entre vida e morte.

<sup>5</sup> Os títulos dos núcleos, assim como o título da obra literária, serão apresentados em itálico. Os personagens do livro *O Pato, a Morte e a Tulipa* (Erlbruch, 2009) serão escritos com a primeira letra maiúscula, assim como em nomes próprios.

“A morte, ela faz parte da vida, ela é vida também, se não tivesse vida não tinha morte”. (Aprendiz, primeiro encontro em 05/09/2024).

Em *O Pato, a Morte e a Tulipa*, o Pato pode ser interpretado como sinônimo de vida. Durante a sua existência, a Morte estará presente em todos os momentos, caso aconteça uma gripe forte, um acidente ou qualquer outra coisa ao Pato, como mencionado no trecho do livro que abre o núcleo. Entendendo-a como algo inerente a vida, é possível, a partir da morte, buscar aquilo que é inegociável e necessário para uma vida que vale a pena ser vivida. Esse entendimento parte do pressuposto de que todos somos um pouco de Pato, como dito por Clara ao longo do segundo encontro (12/09/2024): “De qualquer forma, acho que todos somos o Pato, né? Mesmo que a gente não tenha pensado como a Cautelosa, todo mundo é Pato”.

Segundo Arantes (2019), pensar sobre a própria morte e a morte do outro é uma ponte para a vida, uma porta de entrada para entender aquilo que é importante na vida, aquilo que se deseja para si.

“Eu não sei, ninguém sabe o que é que tá correto [o que acontecerá depois da morte], de repente nem é nada disso. Então eu acho que a gente tem obrigação de ser [uma] pessoa melhor todos os dias” (Aprendiz, primeiro encontro em 05/09/2024).

O desejo de ser uma pessoa melhor volta a aparecer com mais impacto no segundo encontro, sendo ampliado com a vontade de fazer aquilo que se gosta, independente das vontades e necessidades das outras pessoas, inclusive da própria morte. Para algumas pessoas idosas, o envelhecimento pode se tornar sinônimo de chegada da morte, acarretando comportamentos evitativos de experiências que até então eram prazerosas e significativas. Assim, o entendimento da morte enquanto algo ruim e importante de ser evitado pode ocasionar arrependimentos futuros sobre a vida que não foi vivida.

Para Elias (2001, p. 72), “[...] o modo como uma pessoa morre depende em boa medida de que ela tenha sido capaz de formular objetivos e alcançá-los, de imaginar tarefas e realizá-las. Depende do quanto a pessoa sente que sua vida foi realizada e significativa – ou frustrada e sem sentido”. Dessa forma, ao estar em uma vida que não foi vivida, que não se alcançou os objetivos inegociáveis, dificilmente o sujeito poderá experimentar uma morte que valha a pena ser vivida - ou seja, uma morte que faça sentido à luz de uma trajetória marcada por vivências e realizações. Isso pode levá-lo a evitar ao máximo esse momento, o que pode acarretar diversas formas de sofrimento, além de contribuir para a compreensão da morte como algo destituído de sentido em si mesma.



Eu sempre tive assim comigo: que a gente deveria fazer tudo que gosta, tudo que tem vontade, porque é muito rápido a nossa passagem aqui. Muito rápido. Então assim... se ele [Pato] gosta de ir... ele deveria ir. Mesmo que às vezes a Morte não gostasse ou não quisesse acompanhá-lo, eu acho que deveria ir (Cautelosa, segundo encontro em 12/09/2024).

“A melhor parte da vida que você tem é quando você aprecia as coisas. O que o Pato gostava? Gostava daquele lago lindo” (Kolha, segundo encontro em 12/09/2024).

Partindo da Psicologia Histórico-Cultural e da relação ativa sujeito-objeto, entende-se que um objeto existente externamente e independente da consciência humana adquire uma existência subjetiva por meio de processos psíquicos, chamados de funções psíquicas superiores, sendo elas: sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento e imaginação (Martins & Carvalho, 2016). Essas funções se articulam, formando a “imagem do objeto à vista da sua concretude” (Martins & Carvalho, 2016, p. 702). O pensamento permite ao sujeito construir uma imagem do objeto a partir de seu repertório interno, formando um novo objeto por meio da ideia construída com o auxílio da imaginação e das demais funções psíquicas superiores. Na frase dita por Kolha, é construída uma nova imagem do lago através do pensamento e da imaginação do participante, que utiliza seu repertório histórico-cultural para oferecer uma existência subjetiva a elementos da contação da história *O Pato, a Morte e a Tulipa*.

Além disso, para que essa imagem psíquica seja formada e internalizada, é necessário que o objeto afete o sujeito. Sendo assim, toda e qualquer relação sujeito-objeto possui componentes afetivos (Martins & Carvalho, 2016). No caso analisado, Kolha qualifica o lago como “lindo”, sem ser dito isso na história, apenas por conta dos afetos e sentidos suscitados durante a contação.

Para Vigotski (1999, p. 308), a arte consegue superar aspectos do psiquismo que não possuem sentidos na vida cotidiana, assim, “a arte às vezes não é uma expressão direta da vida mas uma antítese da vida”, ou seja, possibilita que aquilo que não faz sentido num primeiro momento ganhe sentidos para o sujeito, através dessa antítese.

A gente vai estar uns dias assim: bom, eu preciso me preparar para a vida eterna. Não, a gente tem que se preparar para viver bem aqui, hoje, nessa dimensão terrena que nós estamos. É não maltratar as pessoas, os animais, é procurar viver bem, intimamente, com aquele que está mais próximo. Isso aí é uma busca diária, porque realmente não é fácil a gente conviver harmoniosamente com o próximo (Cautelosa, primeiro encontro em 05/09/2024).

Independente de crenças ou não sobre a eternidade, ao aproveitar os momentos que a vida nos proporciona, o desejo de retornar ao que foi vivido cresce e as possibilidades para uma vida que vale a pena ser vivida se expandem (Oliveira & Camargo, 2020). Segundo Kovács (1997, p. 31),

“[...] como humanos que somos, sabemos que a morte existe e este conhecimento dá um significado à nossa vida, e por não sermos divinos não sabemos quando nem como ela ocorrerá...”. Tendo isso em vista, a tarefa de aproveitar ao máximo os momentos da vida não é fácil, como dito por Cautelosa no trecho anterior e corroborada por Kolha, em falas ao longo do segundo encontro (12/09/2024): “A gente observa muito a vida. Mas chega uma hora que você vai ter que largar o lago. Largar a árvore. E vai embora. É triste mesmo” e “Vou ficar esperto, o dia que me der um calafrio... [o Pato, após sentir um calafrio, deixa sua vida para a morte] Eu já observo, procuro uma tulipa, tinha uma tulipa do lado eu falo: vai dar ruim, essa é minha, esconde essa tulipa. Só se for de cerveja”.

Esses trechos da fala de Kolha remetem às dificuldades enfrentadas ao deixar a vida ir, para onde quer que seja, tendo em vista a separação social que é imposta culturalmente entre vida e morte, ainda que, em certa medida, exista uma separação entre a vida e o corpo físico. Por outro lado, o mesmo participante lida com esse tema, culturalmente tão difícil, por meio do humor, o que evidencia a importância desse recurso na atribuição de sentidos ao processo da morte e na forma de enfrentar aquilo que é considerado ‘triste’.

Para além disso, em ambos os trechos o participante apropria de elementos da contação, elabora-os a partir de seu repertório e compartilha com o grupo. Segundo Barroco & Superti (2014, p. 23), a arte “objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas”, além de provocar alterações no psiquismo do receptor da obra, como acontece com Kolha e os demais participantes. No primeiro trecho, Kolha retoma as perdas do enredo para pensar em possíveis perdas pessoais, que não são compartilhadas com o grupo, mas, provavelmente, são elaboradas pelo participante no seu psiquismo. No segundo trecho, o participante utiliza da experiência final de vida do Pato para elaborar a sua própria, com os sentimentos que ali estariam presentes, como o medo, quando diz ‘vai dar ruim’. Pode-se dizer que essas duas falas de Kolha são dois saltos qualitativos proporcionados pelo contato com a arte, nesse caso com a contação de história da obra literária, pois, a partir de emoções contraditórias (morte como algo natural x morte enquanto algo indesejável) e da sua superação foi possível vivenciar uma nova organização psicológica: uma pequena transformação. Esse é o poder da arte.

Retomando aos significados e sentidos atribuídos a morte, Kovács (1997, p. 39) afirma que “[...] se estabelecermos contato com a ideia de nossa própria finitude dificilmente deixaremos de viver um processo de ressignificar a vida e aí transformaremos nossa relação com o viver, dando,

geralmente, uma nova qualidade a esse ato”. Esse entendimento parte do pressuposto inicial de que vida e morte são faces de uma mesma moeda e que para a dança que existe entre ambas ser bonita e significativa se faz necessário olhar para a morte como possibilidade de pensar em formas de aproveitar e ser afetado na vida.

Apesar do aparente sofrimento a respeito de sua morte, Kolha, no final do segundo encontro, escreve o seguinte na síntese final:

Ao ver no final da história a partida do Pato, me faz sentir que a morte foi respeitosa e carinhosa. Que comigo ela seja assim e quanto mais tarde melhor, quero continuar a observar o lago, os campos e tudo de bom que a VIDA me oferece (Kolha, escrita do segundo encontro em 12/09/2024).

No segundo encontro, quando houve a contação da história de *O Pato, a Morte e a Tulipa*, a beleza da morte apareceu com mais intensidade na fala de todos os participantes. Entende-se por beleza da morte o olhar diferente atribuído a ela em comparação ao que é construído socialmente nas culturas ocidentais. Segundo Ariès (2017), a partir do século XX, o doente em final de vida, nomeado de moribundo, tornou-se privado de sua morte, sendo de responsabilidade dos outros, especialmente de familiares, os cuidados e o conhecimento do processo de morte. Nas palavras do autor: “[...] hoje, a morte é uma comédia – muitas vezes dramática – onde se representa o papel ‘daquele que não sabe que vai morrer’” (Ariès, 2017, p. 238). Kolha se afasta dessa perspectiva no trecho anterior, mesmo que ainda parta da ideia da morte enquanto algo que deve ser evitado, quando ele e todos os outros participantes do grupo relatam querer que a sua morte seja como a do Pato: tranquila, bonita, respeitosa e transformadora. Dessa forma, observa-se que, mesmo diante de representações hegemônicas da morte — como aquelas descritas por Ariès nas sociedades europeias e norte-americanas —, coexistem diferentes perspectivas sobre a temática. Tal multiplicidade de olhares evidencia a influência determinante do contexto sociocultural e histórico nas formas como a morte, e por extensão a vida, são subjetivamente experienciadas e compreendidas.

“Pra mim, é bonito. Tanto a morte, o lado ruim, quanto o lado bonito da vida em si, do Pato” (Aprendiz, segundo encontro em 12/09/2024).

“Eu achei muito linda a singeleza da Tulipa, depois o respeito. Depois que tudo acontece o respeito com quem foi o Pato, aquela Tulipa ali em cima dele, que imagem linda...” (Clara, segundo encontro em 12/09/2024).

“Ficou registrado que a morte é como uma borboleta que sai do casulo e se transforma” (Iluminada, escrita do segundo encontro em 12/09/2024).

Nesse último trecho, dito por Iluminada, a morte é dada como uma oportunidade de transformação, mas, para quem? Para quem fica ou para quem se foi? Essa pergunta vale mais do que qualquer resposta, até porque ela não é simples de se responder, nem possui resposta correta. Após a morte, a vida se encontra em outro lugar, talvez nas lembranças e nas memórias, talvez em uma nova vida ou talvez em nada disso.

A mesma ideia de transformação citada por Iluminada aparece na fala de Kolha como uma possibilidade de dar um novo sentido para a vida através da morte. Dessa forma, a vida encontra seu lugar, sem se separar da morte.

Eu espero que comigo, quando acontecer, que seja que nem o Pato, que a Morte empurre no lago e fale: vai embora e acabou, segue seu caminho, porque já foi já. Aliás, vai ser lá no mar, né? Porque nós já combinamos aqui que nós dois [Kolha e Clara] vamos ter que ser cremados. Então quem ficar vai guardar a cinza do que foi. O segundo vai guardar a cinza do primeiro. E quando o segundo for vai juntar as duas cinzas e... ir no mar e jogar no mar. E tem que jogar os dois juntos numa mesma onda só (Kolha, segundo encontro em 12/09/2024).

Ademais, percebe-se que a contação de história proporcionou inúmeras reflexões sobre a vida dos participantes, que associaram diversas partes do enredo da narrativa com os sentidos e significados que eles atribuem a temática. A partir dos estudos de Vigotski, podemos afirmar que os participantes da pesquisa tiveram catarses, possibilitadas pela contação de história. A catarse nada mais é do que uma transformação das emoções suscitadas em algo novo, que ocorre quando a contradição entre conteúdo (vida / morte) e forma (modo como o enredo é construído e a contação é realizada) é superada e transformada em algo novo. No caso desta pesquisa, a contação de história possibilitou que os participantes se apropriassem do material contido no enredo (relação de vida e morte), negando-os em certa medida, como a naturalidade da morte, e transformando em algo novo. Essa oposição entre conteúdo e forma e sua superação possibilitou as catarses durante o segundo encontro, algo que não aconteceu no primeiro encontro.

No segundo encontro, a tranquilidade, a leveza e a beleza da morte foram mencionadas a partir da história contada, algo que apareceu bem pouco no primeiro encontro, apenas na fala de Aprendiz. De certo modo, a arte possibilitou que as pessoas idosas extrapolassem a aparência da temática abordada no primeiro encontro (Vygotskij, 1987), saindo de um lugar no qual a morte é negada e tratada como algo natural e caminhando rumo ao entendimento da morte enquanto transformação, enquanto possibilidade de pensar na vida, entendendo que o processo de morrer pode ser algo bonito, leve e transformador.

Segundo Vigotski (1999, p. 307), a arte não é equivalente a multiplicação dos pães, ou seja, não é uma mera reproduutora de sentimentos, na verdade “[...] a arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material”. Com isso, a arte constitui algo novo, ganhando outros sentidos através da ação criativa de cada sujeito na relação com a obra de arte, neste caso, na relação com a contação de história da narrativa literária. Através disso e da superação de emoções contraditórias é possível dar um salto qualitativo, transformando a água em vinho (Barroco & Superti, 2014).

Dos 13 trechos de fala dos participantes da pesquisa utilizados neste núcleo, oito deles foram associados a elementos da história contada, demonstrando que a arte, através da contação de histórias, influenciou nos rumos da discussão do segundo encontro. Em diversos momentos foram utilizados de metáforas de elementos da história para pensar sobre os sentidos atribuídos a morte, como quando Kolha cita que tomará cuidado quando sentir um calafrio, assim como o Pato, que após sentir um calafrio deixa sua vida para a morte. Essa viagem do real para a fantasia e o seu retorno, que traz consigo bagagens de sentidos e significados, é uma das oportunidades que a arte proporciona, uma transformação de uma realidade já construída em algo novo, algo fantasioso que poderá vir a ganhar forma (Sperry & Gambera, 2010; Vigotski, 1999). Isso foi possível pois a contação da história literária ganhou forma através da imaginação, possibilitando a abertura do caminho para essa viagem de ida e volta (Munduruku, 2015).

Além disso, a narrativa proporcionou aos participantes olharem para além da própria morte e de pessoas próximas, entendendo que existem pessoas vivas que estão vivendo a morte, sendo esse, tema do núcleo seguinte.

*“Isso não é vida. Tá pior que o Pato em cima da árvore olhando o lago”: as mortes do cotidiano*

Lá de cima [da árvore] dava para ver o lago.  
Tão tranquilo – e tão solitário.  
‘Vai ser assim quando eu estiver morto’, pensou o pato.  
‘O lago, sozinho. Sem mim’.  
*O Pato, a Morte e a Tulipa* (Erlbruch, 2009, p. 18).

A ampliação a respeito dos sentidos da morte, proporcionada pela contação de história, ficou evidente nesta pesquisa. No primeiro encontro do grupo focal, quando houve apenas uma pergunta disparadora, o foco das discussões se concentrou nos sentidos atribuídos à própria morte e à morte de pessoas próximas, como amigos e familiares. No segundo encontro, além de retomar

essa perspectiva, todos os participantes incluíram na discussão a morte do desconhecido. Essa não é uma morte qualquer, é uma morte de pessoas desconhecidas em sua história, mas conhecidas em sua falta de vida.

O título deste núcleo, dito por Kolha, ao falar de um casal de pessoas cegas que vivem na rua, expressa bem o fato de as pessoas em situação de vulnerabilidade social não conseguirem, na maioria das vezes, viver uma vida que vale a pena ser vivida. No caso do casal citado, é ainda mais grave, tendo em vista a completa ausência de acessibilidade nas ruas e lugares onde eles passam o dia e a noite: “São pessoas que eu acho que eles não tão nascendo e morrendo cada dia, eles tão morrendo todo dia” (Kolha, segundo encontro em 12/09/2024).

A partir de uma análise sobre as necessidades da vida que se apresentam também no processo de morte, Combinato & Martin (2017, p. 875) questionam: “[...] como pensar em qualidade de vida no processo de morte se todos [pessoas em condição de vulnerabilidade social], social e humanamente, estão morrendo (se é que um dia nasceram)?”. Como pensar sobre as possibilidades para uma vida prazerosa e significativa morando na rua, com fome, com medo de morrer congelado em dias frios? Como viver, se, em muitos casos, essa possibilidade nunca lhes foi concedida? É difícil encontrar vida em pessoas que são mortas na maior parte dos dias.

“As injustiças são morte, o que está fazendo com a natureza é morte” (Clara, segundo encontro em 12/09/2024).

Sabe-se que a desigualdade social sustenta o capitalismo e que enquanto este for o modelo econômico, social e cultural dominante haverá pessoas sofrendo das injustiças geradas por um modelo fadado ao fracasso para a maior parte da população. Todavia, a transformação radical na forma de vida dos sujeitos ainda é algo distante, por isso, a esperança em um mundo melhor parte de pequenas mudanças individuais e coletivas em prol de um mundo onde a vida possa ser mais digna. As mudanças coletivas citadas estão associadas às políticas públicas que garantem direitos básicos para uma vida digna e de qualidade, como a Lei nº 8.080, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde (Brasil, 1990); a Lei nº 14.423, que dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2022); e a Portaria GM/MS nº 3.681, de 7 de maio de 2024, que institui a Política Nacional de Cuidados Paliativos (Ministério da Saúde, 2024).

“Isso [política] é questão de vida ou morte também. Que tá assim de gente morrendo e não sabe que tá morrendo” (Aprendiz, segundo encontro em 12/09/2024).

“Mas isso aí é uma mudança social que depende da educação, da saúde, da estrutura do próprio cidadão de deixar de morrer todo dia. É deixar de morrer todo dia” (Kolha, segundo encontro em 12/09/2024).

Aprendiz e Kolha apresentam em suas falas a importância da transformação social para mudar essa realidade em que muitos se encontram. Uma das formas de possibilitar isso é através da política, da escolha de sujeitos que defendam os direitos de todo e qualquer cidadão e não apenas de uma parcela que sempre foi beneficiada socialmente. Ao escolher representantes políticos de diferentes esferas e poderes que compreendem e defendem o direito à vida de todas as pessoas, sem distinção de qualquer natureza, conforme premissas da Constituição Federal (Brasil, 1988) e da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), deixamos, todos nós, enquanto sociedade, de morrer um pouco a cada dia. Nesse contexto, reconhece-se que mesmo avanços pontuais em termos de direitos sociais podem representar conquistas significativas na garantia de uma existência digna.

Em suma, essas reflexões foram possíveis pois, em certa medida, *O Pato, a Morte e a Tulipa* possibilitou que as pessoas idosas pensassem nas histórias de outros sujeitos, cada um com seu próprio Pato (vida) e sua própria morte — que deveriam dançar juntos. No entanto, isso não é possível para uma parcela considerável da população, que tenta encontrar a vida onde apenas a morte se faz presente. Além disso, a contação de histórias permitiu que as pessoas idosas refletissem sobre suas ações diante dessas desigualdades e violências. Assim, a contação permitiu que histórias (diferentemente) parecidas com a do Pato fossem evocadas e discutidas durante o encontro, facilitando que a imaginação dos participantes ganhasse corpo e tornasse o real daquele momento (Rodrigues *Et al.*, 2020), além de abrir um mundo de infinitas possibilidades para pensar sobre morte e vida (Marques, 2013).

*“O Pato sentiu um calafrio”: seria a morte algo natural?*

- Alguns patos dizem que a gente vira anjo e fica sentado numa nuvem olhando para a Terra lá embaixo.
  - Pode ser – a morte sentou-se –, afinal asas vocês já têm.
  - Alguns patos também dizem que debaixo da Terra existe um inferno onde a gente é assado, se não tiver sido um bom pato.
  - Vocês patos imaginam cada coisa, mas quem sabe?
  - Então você também não sabe! – grasnou o pato.
- A morte apenas olhou para ele.  
*O Pato, a Morte e a Tulipa* (Erlbruch, 2009, p. 14-15).

Quantos calafrios você já sentiu? O Pato sentiu apenas um. Esse foi o sinal de que os seus dias em vida haviam terminado. Segundo Arantes (2019), nesse momento final da vida, estaremos diante de uma muralha que é impossível de ser atravessada e só nos restará virar de costas e olhar para o caminho que nos trouxe até esse dia. Ao olhar para trás, será possível perceber se o caminho percorrido valeu a pena. Na história, não se sabe o motivo exato da morte do Pato, mas sabe-se que ele conseguiu aproveitar, minimamente, as oportunidades que surgiram na vida, especialmente no que diz respeito a relação afetiva com o lago, citado pelos participantes da pesquisa em diversas oportunidades. Nesse sentido, as pessoas idosas elencaram a morte do Pato ao ciclo de vida de todo ser vivo, como mencionado por Cautelosa ao longo do segundo encontro (12/09/2024): “Mas a vida é assim: nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos” e “Mas a Morte [na contação de história literária] cumpriu a missão dela, a função dela é essa. Então foi assim: aquilo que vai acontecer com todos nós”.

Além de os participantes relacionarem a morte ao ciclo de vida dos seres humanos, a morte também esteve relacionada, em suas falas, a uma consequência da vida, ou seja, foi tratada como algo natural. Segundo Combinato & Queiroz (2011), os sujeitos, na cultura ocidental moderna, entendem a morte natural como aquela em que os mais velhos ou pessoas com doenças crônicas falecem antes dos mais novos. No relato de Cautelosa, concedido ao longo do primeiro encontro (05/09/2024): “O natural da vida seria os filhos enterrarem os pais. Então a gente sabe que quando os pais têm que enterrar os filhos é muito sofrido, principalmente quando esse filho significa tanto”.

A morte também assume esse posto de algo natural quando se fala na morte de pessoas desconhecidas, especialmente se forem mais velhas. Todavia, ao falar de pessoas próximas, como amigos e familiares, a naturalidade da morte e o entendimento dela enquanto parte do ciclo de vida se perdem, abrindo espaço para os sentidos subjetivos que são atribuídos a ela (Combinato & Queiroz, 2011).

Eu faço uma citação das pessoas que já conviveram comigo, que eu peço descanso, né? [...] e pra colocar o nome do meu irmão, tá muito difícil. Eu coloco, mas coloco com dificuldade, porque pra mim, assim, eu falo: pô, não era pra acontecer [a morte], não agora, né? Poderia ser mais pra frente, pra que a gente melhorasse um pouco, né? (Kolha, primeiro encontro em 05/09/2024).

“Todo mundo falava assim: mas ela [mãe de Clara] já tem quase 100 anos. E aí, qual o problema? Que viva 110, eu quero ela comigo. Então eu não aceitava de jeito nenhum” (Clara, primeiro encontro em 05/09/2024).

Em ambos os trechos, é perceptível o vínculo afetivo de Kolha com o irmão e de Clara com sua mãe. Para Kovács (2012a), o luto é o preço que se paga por perder algo ou alguém de apego e afeição, seja uma pessoa, um objeto ou uma relação. Durante a vida, todo sujeito passará por vários processos de perda e de luto, sendo alguns resolvidos mais facilmente e outros não, tudo dependendo das condições envolvidas nesse processo. Tais condições referem-se às condições de vida do enlutado, às condições de vida e ao tipo de morte do falecido, além do contexto social, histórico e cultural que esse sujeito está inserido, pois, cada sociedade, em determinado momento histórico, dará seu significado para a morte, para as perdas e para o luto. Assim, pressupõe que o processo de luto acontece quando um vínculo afetivo significativo é rompido.

Clara e Kolha demonstram bem que a morte é mais abrangente do que uma mera consequência da vida. Para Combinato & Queiroz (2011), a morte adquire sentidos subjetivos para cada sujeito, tendo em vista a história da humanidade e a sua relação com a temática, a influência cultural do momento, o meio social ao qual está inserido e a apropriação de tudo isso no mundo psíquico de cada sujeito. Sendo assim, considerar a morte enquanto consequência da vida seria negar a existência de todos esses fatores que tornam o morrer um processo dinâmico, como mencionado por Kolha ao longo do primeiro encontro (05/09/2024): “A minha visão sobre morte, ela, ao longo desse tempo aí, ela mudou várias vezes”.

Apesar do entendimento grupal de que a morte é algo natural, em determinado momento Clara coloca isso em questão, apresentando que a naturalidade seria algo importante para facilitar o seu entendimento, mas que não tem a certeza de que isso é possível. Assim como Clara, a Morte, no trecho que abre esse núcleo, questiona essa possível naturalidade da morte mencionada pelo Pato, que utiliza de aspectos religiosos para dar um destino a finitude humana. No trecho e durante toda a história, a Morte demonstra seu caráter dinâmico e deixa em aberto o que acontecerá após esse ato final.

Dessa forma, percebe-se que mesmo que eles caracterizem a morte como parte de um ciclo da vida e como algo natural, há dificuldades de entender a morte como tal, pois, como dito anteriormente, ela adquire inúmeros sentidos subjetivos. Partindo de Vuigotskij (1987), a análise adotada nesta pesquisa busca revelar a essência dos fenômenos psicológicos, priorizando o que é fundamental em detrimento da aparência do discurso e do que é meramente perceptível. Dessa forma, a análise aqui realizada parte de aspectos externos descritivos, a fim de que eles sejam explicados no seu processo de mudança histórico, na sua essência.

“Eu acho que é bom se tratar com mais naturalidade, eu não sei” (Clara, primeiro encontro em 05/09/2024).

A contação de história, realizada no segundo encontro, proporcionou que as pessoas idosas partissem do entendimento da morte enquanto algo natural e chegassem a um entendimento mais amplo, que ganha contornos a partir dos sentidos subjetivos, articulados a vínculos afetivos, história de vida e também a significados sociais e culturais.

A morte, a vida é tão boa. É igual o final do Pato: O Pato sentiu um calafrio. Devagarzinho não foi mais para o lago. Ele não foi fazendo as coisas que mais davam prazer pra ele. Então isso aí é triste. Muito triste, porque parece que você até tem vontade, depois você não tem força, depois nem vontade você tem mais (Clara, segundo encontro em 12/09/2024).

Daí a importância de a análise dos fenômenos psicológicos ir além da aparência do discurso (Vuigotskij, 1987). Em diversos momentos as pessoas idosas relataram acreditar na morte enquanto consequência da vida, mas, em tantos outros, fica evidente, após a análise, que os participantes entendem a morte a partir dos sentidos subjetivos que ela adquire, como não querer que a morte quebre os vínculos afetivos construídos durante a vida, mesmo que não tenha mais o que ser feito; nem que os jovens morram antes de pessoas idosas e cronicamente doentes; e que a vida tenha um começo, meio e fim, sem ser interrompida. Os participantes da pesquisa fizeram a viagem ao mundo de fantasias e retornaram com novas bagagens de sentidos. Isso é possível pois “a arte é o social em nós” (Vigotski, 1999, p. 315), assim, a obra de arte parte de uma construção social, de um objeto cultural que permite fazer uma viagem ao mundo da fantasia, que está intimamente vinculado ao processo histórico, e retornar com novos sentidos desenvolvidos.

Ademais, um dos possíveis fatores para que os participantes atrelassem a morte a algo natural é a velhice, a fase da vida em que se encontram. No estudo de revisão integrativa realizado por Ribeiro *Et al.* (2017), fica evidente que as pessoas idosas buscam, a partir do repertório que possuem, compreender a finitude humana. Essa pesquisa corrobora com a revisão, visto que, em diversos momentos os participantes relataram acreditar na vida eterna, especialmente Cautelosa, que afirma querer fazer Teologia para compreender melhor como se dará essa passagem. Em outro estudo, realizado por Pichler *Et al.* (2021), as dez pessoas idosas entrevistadas mencionaram a morte enquanto consequência da vida, um processo natural, além de utilizarem da religião e das crenças religiosas para compreender a finitude humana. No estudo de Bulsing & Jung (2016), a maior parte das pessoas idosas que participou da coleta de dados percebe a morte como consequência da vida e a associam a uma passagem para a vida eterna. Além disso, a pesquisa apresenta que os sentidos subjetivos adquiridos sobre a morte podem estar atrelados às perdas que

as pessoas idosas passaram ao longo de suas vidas. Essas associações e sentidos subjetivos adquiridos sobre a morte são retratados igualmente na pesquisa de Silva *Et al.* (2018). Assim, percebe-se que os resultados dessas pesquisas corroboram com o deste estudo, indicando a prevalência de uma concepção de que a velhice é sinônimo de desvalorização enquanto sujeito social, devido às perdas físicas, sociais, culturais e subjetivas ocasionadas pelo envelhecimento (Santos *Et al.*, 2018), cabendo à pessoa idosa o entendimento de que esses aspectos são naturais a finitude humana (Kovács, 1997). Elias (2001, p. 56) corrobora com esse entendimento afirmando que “[...] as pessoas bem sabem que a morte chegará; mas saber que ela é o fim de um processo natural ajuda a aliviar a angústia”.

Dessa forma, caso esta pesquisa fosse realizada com outro público, em outra fase do desenvolvimento, haveria uma chance de os resultados seguirem outros rumos e a morte adquirir outros sentidos subjetivos.

### **Considerações Finais**

Durante a discussão deste trabalho foram levantados pontos relevantes a respeito da mediação com pessoas idosas sobre morte e vida a partir da contação de história literária. No primeiro núcleo, a contação proporcionou ampliar os sentidos da morte e da vida, entendendo-as enquanto um processo de transformação. Em diversos momentos, no grupo focal, os participantes utilizaram de elementos da narrativa para retratarem a construção subjetiva que possuem da temática. O lugar ocupado pela morte no primeiro encontro foi expressamente ampliado no segundo, fazendo com que eles pensassem ainda mais nas possibilidades de uma vida que valha a pena ser vivida, na beleza do processo de morte e na indissociação entre vida e morte.

Em relação ao segundo núcleo, faz-se necessário lembrar que ele se apresenta nesta pesquisa, principalmente, devido à contação de história da narrativa literária *O Pato, a Morte e a Tulipa*, que abriu caminho para a reflexão de outras vidas, de um Pato e de uma Morte que até então eram desconhecidos pelos participantes, mas que, ao conhecê-los, se tornaram tão próximos e merecedores de uma vida digna e de qualidade, assim como os participantes. Pensar sobre a morte em vida do desconhecido, sobre as pequenas mortes do cotidiano e sobre as ações individuais em relação a isso foram pequenas elaborações de como a arte, nesse caso a literatura e a contação de histórias, possibilita abrir mundos com infinitas possibilidades de apropriação.

Além disso, no terceiro núcleo, a contação desempenhou papel especial na análise das contradições existentes entre o discurso da morte enquanto consequência da vida e os elementos da narrativa escolhidos para retratar os sentidos subjetivos adquiridos por cada participante. Assim, mesmo que na aparência do discurso a morte apareça como algo natural e pertencente ao ciclo de vida, nas associações feitas com o enredo, fica evidente a amplitude da morte, para além de uma mera naturalidade.

Nos três núcleos obtidos nos resultados, foi possível sair da aparência dos discursos, entendendo a essência do fenômeno, através de fatores históricos e culturais de constituição da temática abordada na pesquisa (Aguiar & Ozella, 2013; Vuigotskij, 1987), especialmente por meio das contradições entre o que era discorrido na fala e o que era retratado ao articularem os sentidos adquiridos sobre a morte com a história contada (Combinato & Queiroz, 2011).

Os encontros em grupo facilitaram que os participantes construíssem seus sentidos a partir dos significados e sentidos trazidos pelo outro. Isso foi possível através de um ambiente que respeitou a diversidade de ideias, sem a necessidade de chegar a um consenso sobre a morte e sobre como a vida deve ser vivida (Iervolino & Pelicioni, 2001).

Vale ressaltar que em momento nenhum a contação da história literária ou a condução do grupo focal se propôs a trazer a verdade sobre a morte ou sobre sua relação com a vida. O objetivo foi, através de um dispositivo artístico, conhecer os sentidos e significados até então dados a temática, a fim de que fosse possível ampliar para além do que já é conhecido sobre vida e morte. A partir dos dados coletados, percebe-se que a arte incomodou e possibilitou que os participantes elaborassem, através da imaginação e dos afetos, um novo real sobre a morte e, consequentemente, sobre as possibilidades da vida, provocando um salto qualitativo, uma transformação dos sentimentos suscitados durante o contato com a arte (Vigotski, 1999). A arte atravessou uma flecha nos participantes, desafiando-os na reflexão sobre morte e vida.

Assim, a literatura e a contação de história surgem como uma possibilidade de articulação com temas tabus, abrindo espaço para que profissionais da saúde, da educação e da cultura trabalhem os sentidos subjetivos da morte e as possibilidades da vida de forma mais “leve” e “tranquila”, adjetivos dados pelos participantes da pesquisa à morte do Pato na história retratada. Fora isso, a arte e o falar sobre morte deveriam ser incluídos em mais disciplinas na formação de profissionais dessas áreas, entendendo que a articulação entre ambas proporciona olhar para as possibilidades da vida de forma mais respeitosa, sem tanto sofrimento. Com isso, estar-se-ia dando

o primeiro passo rumo a uma educação para a morte na sociedade, como proposto por Kovács (2012a), abrindo espaço para que os sujeitos que participassem desse processo abordassem o tema nos diferentes campos de atuação, ampliando cada vez mais a discussão e o preparo para o morrer.

Mesmo com todo o cuidado e a articulação feita entre método, teoria e objetivo da pesquisa, não foi objetivo deste trabalho produzir um conhecimento acabado sobre a temática, muito menos mostrar como deve ser conduzida a conversa sobre morte com pessoas idosas. Tal metodologia foi utilizada para apreender um pouco mais sobre as determinações constitutivas dos sentidos subjetivos da morte para as pessoas idosas através da contação de histórias, além de apresentar uma possibilidade de articulação com a arte para trabalhar sobre a temática em trabalhos futuros.

Dessa forma, entende-se que a análise aqui realizada parte de um pequeno recorte da sociedade, sendo necessário outros estudos que levem em conta outros determinantes sociais, como gênero, raça, sexualidade, religiosidade, condições socioeconômicas, nível de escolaridade. Não se encontrou artigos, na produção acadêmica brasileira, que articulem contação de histórias, morte e vida e pessoas idosas, reduzindo as possibilidades de referência para somar com os resultados discutidos neste trabalho. Assim, espera-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas, somando na estruturação de uma nova forma de trabalhar uma temática tão difícil e dinâmica com as pessoas idosas, além de descobrir outros resultados significativos relacionados ao objetivo do trabalho. No livro *O Pato, a Morte e a Tulipa*, a Morte perde o Pato de vista e, por pouco, não fica triste, pois sabe que assim era a vida. Aqui, espera-se o oposto, que pesquisadores, discentes e docentes não percam de vista a contação de histórias sobre vida e morte como uma possibilidade de mediação com pessoas idosas e quase idosas.

## Referências

Aguiar, Wanda Maria Junqueira & Ozella, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.

Aguiar, Wanda Maria Junqueira; Aranha, Elvira Maria Godinho & Soares, Júlio Ribeiro. Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, n. 1, p. 1-16, 2021.

Arantes, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.



Ariès, Philippe. **História da morte no ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

Barroco, Sonia Mari Shima & Superti, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidente da República, 2016 [1988].

Brasil. **Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

Brasil. **Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2022.

Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Brum, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

Bulsing, Raquel Soares & Jung, Simone Isabel. Envelhecimento e Morte: Percepção de Idosas de um Grupo de Convivência. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 1, p. 89-100, 2016.

Candido, Antonio. O direito a literatura. In: Candido, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 169-191.

Combinato, Denise Stefanoni & Queiroz, Marcos de Souza. Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 9, p. 3893-3900, 2011.

Combinato, Denise Stefanoni & Martin, Sueli Terezinha Ferrero Martin. Necessidades da vida na morte. **Interface**, v. 21, n. 63, p. 869-880, 2017.

Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Estabelece diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Brasília: Plenário do Conselho Nacional de Saúde, 2012.

Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Estabelece normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que envolvem dados diretamente obtidos com participantes ou informações identificáveis, ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília: Plenário do Conselho Nacional de Saúde, 2016.

Costa, Nadia Pinheiro; Polaro, Sandra Helena Isse; Vahl, Eloá Aparecida Caliari & Gonçalves, Lucia Hisako Takase. Contação de História: Tecnologia Cuidativa na Educação Permanente para o Envelhecimento Ativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 6, p. 1068-1075, 2016.

Elias, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



Erlbruch, Wolf. **O Pato, a Morte e a Tulipa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

Fhon, Jack Roberto Silva; Silva, Luípa Michele; Diniz-Rezende, Marina Aleixo; Araujo, Jessica Silva; Matiello, Fernanda de Brito & Rodrigues, Rosalia Partezani. Cuidado do idoso durante a pandemia no Brasil: análise das matérias jornalísticas. **Av Enferm**, v. 39, n. 1, p. 10-20, 2021.

Iervolino, Solange & Pelicioni, Maria Cecilia. A Utilização do Grupo Focal como Metodologia Qualitativa na Promoção da Saúde. **Rev. Esc. Enferm.**, v. 35, n. 2, p. 115-121, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Brasília: IBGE, 2023.

Junqueira, Fabíola Mancilha; Hernades, Luciana Romano & Franco, Maria Helena Pereira. Arteterapia e luto: recursos expressivos no atendimento ao enlutado. In: Franco, Maria Helena Pereira; Andery, Maria Carolina Rissoni & Luna, Ivânia Jann (Orgs.). **Reflexões sobre o luto: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas**. Appris, 2021. p. 51-72.

Kovács, Maria Júlia. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. In: Kovács, Maria Júlia. **Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 193-217.

Kovács, Maria Júlia. **Vida e morte: laços da existência**. Anais. São Paulo: Sociedade Interamericana de Psicologia, 1997.

Kovács, Maria Júlia. **Educação para a Morte: Temas e Reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012a.

Kovács, Maria Julia. Educadores e a morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 71-81, 2012b.

Leite, Joana Dark & Real, Marcio Penna Corte. O Romper com Silêncio: Círculos de Cultura de Contação de Histórias em uma Associação de Idosos. **Olhar de professor**, v. 18, n. 1, p. 99-109, 2015.

Machado, Adriana Marcondes & Fonseca, Paula Fontana. **Violência às escolas: Reflexões**. São Paulo: Jornal da USP, p. 1-3, 2023.

Marques, Patricia. **Pedagogia da Morte: A importância da educação sobre luto nas escolas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

Martins, Lígia Márcia & Carvalho, Bruna. A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 699-710, 2016.

Minayo, Maria Cecilia de Souza.; Deslandes, Suely Ferreira.; Neto Cruz, Otavio & Gomes, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.



Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 3.681, de 7 de maio de 2024.** Institui a Política Nacional de Cuidados Paliativos - PNCP no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Brasília: Diário Oficial da União, 2024.

Munduruku, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígenas. In Medeiros, Fábio Henrique Nunes & Moraes, Taiza Mara Rauen. **Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces.** São Paulo: SESC, 2015. p. 213-225.

Oliveira, Yan Menezes & Camargo, Karina Acosta. Nietzsche, clínica e autogenealogia: um movimento de intersecção de Nietzsche e o modelo de clínica da modernidade. **Mnemosine**, v. 16, n. 2, p. 446-461, 2020.

Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris: ONU, 1948.

Pichler, Nadir; Zancanaro, Milena & Scortegagna, Helenice; Oliveira, Talia. Percepções de um Grupo de Idosos sobre a Morte. **Revista Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 22, n. 3, p. 921-927, 2021.

Rabelo, Dóris Firmino. Os idosos e as relações familiares. In: Freitas, Elizabete Viana & Py, Ligia (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1518-1525.

Reis, Clayton Washington & Facci, Marilda Gonçalves Dias. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da velhice. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, v. 1, n. 6, p. 99-116, 2015.

Ribeiro, Mariana dos Santos; Borges, Moema da Silva; Araújo, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira & Souza, Mariana Cristina dos Santos. Coping strategies used by the elderly regarding aging and death: an integrative review. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, n. 6, p. 869-877, 2017.

Rodrigues, José Carlos. **Tabu da Morte.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

Rodrigues, Júlia Loren dos Santos; Vecchia, Marcelo Dalla & Selau, Bento. A arte como instrumento de educação para a morte: reflexões teórico-práticas em diálogo com a Psicologia da Arte de Vigotski. In: Conferência de Teoria Histórico Cultural & CTS. Curitiba: **Anais da Anais da Conferência de Teoria Histórico Cultural & CTS**, p. 1-25, 2020.

Santos, Luiz Antonio de Castro; Faria, Lina & Patinõ, Rafael Andrés. O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 2, p. 1-15, 2018.

Silva, Gabriela dos Santos Ramos; Marinho, Lucia Meneses da Silva; Silva, Francilio Williams de Sousa; Rocha, Francisca Cecília Viana; Landim, Camila Aparecida Pinheiro & Lago, Eliana Campelo. Visão do Idoso sobre a Morte. **Revista Interdisciplinar**, v. 11, n. 4, p. 30-41, 2018.



Silva, Letácia Conrado; Freitas, Maria Cecilia Martànez Amaro. Recontando Histórias e Revivendo Memórias: a Contação de Histórias como Resgate de Memória para Idosos. **IV Mostra Científica do Curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA**, v. 3, n. 1, p. 121-131, 2018.

Sperry, Duto & Gambera, Leo. **A Palavra Conta [Video]**. YouTube, 2010. Disponível em: [\[https://www.youtube.com\]](https://www.youtube.com). Acesso em 12 de março de 2025.

Vygotski, Lev Semionovitch. **Psicología da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Vygotskij, Lev Semionovitch. Método de investigación. In: Vygotskij, Lev Semionovitch. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Editorial Científico-Técnica, 1987. p. 51-103.

Whitaker, Dulce Consuelo Andreatta. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. **Cad. Cedes**, v. 30, n. 81, p. 179-188, 2010.

**Submetido em:** 03 de julho de 2025

**Avaliado em:** 21 de julho de 2025

**Aceito em:** 15 de agosto de 2025